

Uma das mais respeitadas intérpretes de samba do Rio Grande do Sul, Maria Helena Montier é ícone do Carnaval e da cultura popular do Sul do País

NATASHA MONTIER/DIVULGAÇÃO/ARQUIVO/JC

Reportagem Cultural

Gabrieli Silva, especial para JC

Há histórias que ficam nos bastidores da cultura brasileira. Vozes que ecoaram nos palcos, nas rádios e nas avenidas, mas que, por diferentes razões, não ganharam projeção nacional equivalente a outras de sua geração. A cantora porto-alegrense Maria Helena Montier é uma dessas histórias.

Nos anos 1960, ainda muito jovem, ela cantou ao lado de nomes que se tornariam ícones da música brasileira. Entre eles, Elis Regina, outra gaúcha que ganharia projeção nacional. Enquanto Elis se transformava na 'Pimentinha' que conquistaria o Brasil, Maria Helena seguia abrindo caminho por outros territórios, onde o samba, o carnaval e a cultura negra do sul do País resistiam e floresciam longe dos grandes holofotes.

Quem a ouvia cantar dificilmente esquecia. Dona de um vozeirão potente, ela começou cedo. Aos 11 anos, já participava de programas de rádio em Porto Alegre, um espaço que, na época, funcionava como grande vitrine para jovens talentos. Na Rádio Farroupilha, um dos principais palcos de formação artística da época, disputava programas de calouros e musicais, desenvolvendo sua técnica, presença e domínio de público.

No entanto, assim como tantas mulheres de sua geração, ela precisou se dividir em muitas para manter a família e os seus sonhos. Aos 19 anos, Maria Helena interrompeu a carreira para casar e construir uma família. O casamento durou poucos anos. Quando a relação terminou, ela se viu diante de uma realidade dura: criar quatro filhos sozinha.

Foi nesse momento que tomou uma decisão que definiria o restante da vida. Voltou a estudar, formou-se técnica de enfermagem e ingressou no serviço público por concurso, trabalhando no Pronto Socorro Municipal de Porto Alegre e, posteriormente, no Hospital São Pedro, onde se aposentaria anos depois.

A música, porém, nunca desapareceu. Mesmo conciliando a rotina na área da saúde, seguia cantando. À noite, se apresentava em bares, bailes e casas noturnas. Era o início de uma trajetória que a transformaria em uma das vozes mais importantes do carnaval gaúcho – e em uma pioneira para as mulheres no samba do Rio Grande do Sul.

Maria Helena Montier se tornaria uma das primeiras mulheres a assumir o posto de intérprete – ou 'puxadora', como se dizia à época – em escolas de samba do Rio Grande do Sul. Um espaço historicamente masculino, onde sua presença não apenas se destacou, mas abriu precedente. E sua presença na avenida não passava despercebida. Pequena de estatura, mas gigante na voz e na postura, ela carregava no canto uma força que misturava técnica, emoção e ancestralidade. Passou por agremiações como Comanches, Fidalgos e Aristocratas, Realeza, Praiana, Imperadores do Samba e Bambas da Orgia, consolidando-se como referência no carnaval porto-alegrense.

Em janeiro deste ano, Maria Helena partiu, aos 81 anos, deixando uma lacuna difícil de preencher na história do samba gaúcho. Mas sua voz permanece viva nas lembranças de quem a ouviu cantar – e nas muitas mulheres que encontraram, em sua trajetória, a prova de que era possível ocupar espaços antes considerados impossíveis.

Leia mais na página central

A voz que abriu caminhos, dentro e fora da avenida

